

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2



Natalia Colombo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Natalia Colombo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações 2 / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-454-2

DOI 10.22533/at.ed.542200810

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O segundo volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas concernentes à educação, processos históricos, tecnologias, capitalismo e suas rupturas, informação, globalização, interdisciplinaridade, relações jurídicas, rituais e especificidades culturais.

Abrimos o volume com capítulos relacionados à educação: abordando a escola como instituição social de maior relevância na formação de personalidade e convívio, desenvolvimento humano e sobre como o uso de fontes históricas, o processo de inclusão e exclusão socio espacial e acesso e uso de tecnologias interferem no processo de ensino e aprendizagem.

Na sequência reflexões sobre a vivência na formação de educadores, experiências poético-estéticas sobrepostas à ciência como base do conhecimento e a valorização dos saberes dos povos originários; abrem um debate sobre imposições formais e os benefícios na flexibilização da visão de uma única estrutura possível na construção do conhecimento.

Tais rupturas nos apresentam readequações nas leituras sobre o modo de vida na sociedade capitalista como a conhecemos e a adaptação iminente e necessária desse modelo pré-estabelecido.

Na sequência, o sujeito é apresentado como o centro do debate da crise da informação, globalização e instantaneidade; relações entre homem e máquina, inteligência artificial e novos discursos e visões de responsabilidade civil e jurídica.

Encerramos apresentando quatro capítulos que tratam de abordagens sobre as especificidades culturais nas relações humanas e debates sobre os papéis dos rituais na sociedade.

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO - UM DIREITO

Adelcio Machado dos Santos

Daniele Martins Leffe

DOI 10.22533/at.ed.5422008101

CAPÍTULO 2..... 8

DISTINÇÕES, RELAÇÕES E IMPLICAÇÕES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR

Jocélia Barbosa Nogueira

Maria Rita Santos da Silva

Elenize Cristina Oliveira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5422008102

CAPÍTULO 3..... 17

DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E ARTE: DA SUBJETIVAÇÃO À SALA DE AULA

Ana Julia e Silva

DOI 10.22533/at.ed.5422008103

CAPÍTULO 4..... 25

ENSINO CARTOGRÁFICO NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE PRESIDENTE PRUDENTE: DESAFIOS SOB A PERSPECTIVA DO PROFESSOR

Paulo Roberto Alves de Araujo Junior

DOI 10.22533/at.ed.5422008104

CAPÍTULO 5..... 39

ARTE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO (UFT - TOCANTINÓPOLIS)

Anna Flávia Martins Duarte

Kênia Gonçalves Costa

DOI 10.22533/at.ed.5422008105

CAPÍTULO 6..... 55

O QUE MAIS CONTA NA ESCRITA, MÉTODO OU SENSIBILIDADE? RELAÇÕES DE PODER NA ESCRITA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E AS POSSIBILIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA PRODUÇÃO DOS NÃO-HISTORIADORES

Manoel Adir Kischener

Everton Marcos Batistela

Airton Carlos Batistela

Mariza Rotta

DOI 10.22533/at.ed.5422008106

CAPÍTULO 7.....	69
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DO LAZER	
Joseli Vaz Fabricio	
Guilherme Nunes de Freitas	
Juliana Rodrigues da Silva	
Karine Aparecida dos Santos Vaz	
Renato Salla Braghin	
Diogo Bertella Foschiera	
DOI 10.22533/at.ed.5422008107	
CAPÍTULO 8.....	79
ARA WATASARA: CARTOFILIA DO RIO SOLIMÕES	
Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.5422008108	
CAPÍTULO 9.....	92
VIVÊNCIAS NO ASSENTAMENTO DO CONTESTADO-PR	
Eliandra Francielli Bini Jaskiw	
Luiz Fernando de Carli Lautert	
DOI 10.22533/at.ed.5422008109	
CAPÍTULO 10.....	102
O CAPITAL ENCURRALADO	
Atanásio Mykonios	
DOI 10.22533/at.ed.54220081010	
CAPÍTULO 11.....	117
PRÊT-À-PORTER: UMA ESTÉTICA DA VIDA CONTEMPORÂNEA	
Gabriel Liberato Duarte dos Reis	
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.54220081011	
CAPÍTULO 12.....	128
TRÊS INTENÇÕES, UM OLHAR: EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO COLETIVA DE PROJETOS DE PESQUISA DE DOUTORADO	
Larissa Silva Gonçalves	
Lúcia Maria Barbosa Lira	
Telma de Verçosa Roessing	
DOI 10.22533/at.ed.54220081012	
CAPÍTULO 13.....	141
DISCURSO JURÍDICO E PRÁTICAS SOCIAIS	
Heliud Luis Maia Moura	
DOI 10.22533/at.ed.54220081013	

CAPÍTULO 14	155
I.A.: CONSIDERAÇÕES JURÍDICAS E ASPECTOS ÉTICOS ACERCA DO ARTIFICIAL E NOVAS FORMAS DE INTELIGÊNCIA	
Mateus Catalani Pirani Daniel Stipanich Nostre	
DOI 10.22533/at.ed.54220081014	
CAPÍTULO 15	167
RESPONSABILIDADE PENAL DA PESSOA JURÍDICA NOS CRIMES ECONÔMICOS	
Maiara Motta Gabriel Moura Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.54220081015	
CAPÍTULO 16	181
RESPONSABILIDADE CIVIL MÉDICA E O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
Maiara Motta Kelly Cristina Canela	
DOI 10.22533/at.ed.54220081016	
CAPÍTULO 17	195
A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> EM <i>PASSAGEM PARA ARARAT</i> , DE MICHAEL ARLEN	
Dayse Oliveira Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.54220081017	
CAPÍTULO 18	202
RITUAL MÍSTICO-RELIGIOSO E TERAPIAS DE CURA NA CAVERNA SANTA TEREZINHA NA SERRA DO RONCADOR, COCALINHO - MATO GROSSO	
Nataly Aparecida Carvalho Neves Linhares	
DOI 10.22533/at.ed.54220081018	
CAPÍTULO 19	211
“ENTRE A CRUZ E A ESPADA”: A IMPORTÂNCIA DOS RITOS FÚNEBRES COMO PRÁTICA DE FÉ AINDA QUE DIANTE DE COIBIÇÃO HEGEMÔNICA	
Viviane Faria Lopes Emerson de Stefani	
DOI 10.22533/at.ed.54220081019	
CAPÍTULO 20	226
TROCAS AFETIVAS EM CONTEXTO DE INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ	
Clarice Bieler	
DOI 10.22533/at.ed.54220081020	
CAPÍTULO 21	236
DESAFIOS NO CUIDAR DOS IDOSOS: CONTRIBUTO DA METODOLOGIA DE CUIDADO HUMANIDADE NA REDUÇÃO DA ANSIEDADE DOS CUIDADORES	
Liliana Vanessa Lúcio Henriques	

Rosa Cândida Carvalho Pereira de Melo
Mónica Paula Lopes de Oliveira Pereira
Andreia Henriques
Maria Amélia Nabais Martins
Rafael Efraim Dias Geraldês Alves

DOI 10.22533/at.ed.54220081021

SOBRE A ORGANIZADORA.....	248
ÍNDICE REMISSIVO.....	249

ARA WATASARA: CARTOFILIA DO RIO SOLIMÕES

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão 05/07/2020

**Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra
Pinto**

Universidade Federal do Amazonas – Manaus
(AM)

Universidade Federal do Amazonas.
<http://lattes.cnpq.br/8482510161447799>.

RESUMO: Trata-se de relato de viagem, da Expedição Ara Watasara ocorrida no ano de 1997 que proporcionou a uma equipe de professores da Universidade Federal do Amazonas o contato com as populações das cidades que ocupam a calha do Rio Solimões, de Manaus até a tríplice fronteira, mas do que uma experiência acadêmica a viagem nos revelou que a disjunção natureza, cultura e sobrenatureza se dilui na prática cotidiana desses habitantes, mais do as observações do campo, a viagem foi verdadeira fruição poético-estética e por fim, destruição das certezas arrogantes da ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Viagem, estética, natureza, cultura.

ARA WATASARA: DELTIOLOGY'S RIVER SOLIMÕES.

ABSTRACT: The present paper is a travel report of the Ara Watsara Expedition on the year 1997 which provided a team of professors from the Federal University of Amazonas to contact communities from several towns along

the Solimões river, from Manaus to the triple border of Amazonas. More than an academic experience, the travel revealed that disjunction of nature, culture and supernatural merges into the practical everyday lives of these communities. Ahead of field observations, the travel was truly a poetic-aesthetic enjoyment and the destruction of arrogant scientific certainties.

KEYWORDS: travel, aesthetic, nature, culture.

INTRODUÇÃO

Reabro com alegria meu Diário de Viagem, dez anos depois da Expedição Ara Watasara. (...) *“Viajamos já há uma semana e um dia, e cada dia é diferente do que passou. Daí que algumas palavras não serão suficientes para contar tudo, tampouco para dizer o que cada viajante, em sua experiência particular e intransferível, já tem guardado em sua mala de viagem.”* O trecho deste depoimento retirado de um boletim informativo da Pró-Reitoria de Extensão, que apoiou a iniciativa de um grupo de professores da Universidade Federal do Amazonas no ano de 1998, expressa, na altura do início da expedição, o que foi o espírito da viagem.

Ultrapassar os limites da rotina acadêmica e ir além daquelas informações que os livros podem nos oferecer motivou o projeto. Concentrar a atenção na dimensão do passado dessas localidades, ou seja, na História, foi um dos objetivos iniciais da equipe

de pesquisadores que participaram da viagem coordenada pelos professores Geraldo Pinheiro e Síval Gonçalves do Departamento de História.

SOLTAR OS LAÇOS DA PARTIDA.

No dia 7 de fevereiro saímos de Manaus, do porto da balsa de São Raimundo, às nove horas de uma manhã nublada, pois estávamos em plena estação chuvosa. Ao todo, éramos dezenove pessoas contando com a tripulação do Kellogg. A sala de refeições tornou-se logo o ponto principal de convivência, animada por muitas conversas sobre os principais acontecimentos do dia.

Munidos com um dossiê técnico-científico preparado pelos coordenadores e distribuído na manhã do dia 8, passamos a primeira parte do dia definindo nossas estratégias de trabalho e explorando o material bibliográfico selecionado, eram informações básicas sobre as cidades, textos clássicos da literatura dos viajantes que realizaram expedições com roteiros semelhantes ao nosso e um estudo sobre os povos indígenas da região do alto Rio Solimões. Um pequeno mapa individual que cobria a área de abrangência do projeto fechava o nosso kit expedicionário.

Divididas as tarefas, examinamos as informações sobre a cidade de Coari, nossa primeira parada. Chegamos neste mesmo dia pela parte da tarde e então saímos para dar uma volta de reconhecimento. O que mais me impressionou foi o movimento do porto, local onde ficamos ancorados. Praticamente todos os dias chegavam e saíam barcos com lotação e carga esgotada para Manaus, sem contar com os agricultores e pescadores que traziam seus produtos para o comércio, todo esse movimento se devia à exploração do petróleo na região que estaria atraindo muita gente de todos os lugares do Brasil. No dia 9, iniciamos nossas atividades conforme planejado e dividido o trabalho por equipe: Otoni e Jorge cuidariam do registro visual, Auxiliomar e Kelerson se responsabilizaram pela busca dos registros documentais, daí fazerem visitas às igrejas, prefeituras e cartórios. As outras equipes realizariam as oficinas. A nossa, chamou-se *Oficina de Memórias: histórias para ouvir e contar*, como membros eram a Lúcia, Geraldo, Alfredo e eu.

Além das oficinas, que transcorreram todas as manhãs nas dependências do Campus Universitário de Coari, acompanhadas dos biscoitos de castanha da Lúcia, entrevistamos outros idosos nas suas próprias casas. O passado foi revisitado, não como sucedido, mas da forma como foi vivido:

Dona Maria Miguel, contou-nos que quando jovem foi rezadeira e parteira, dois ofícios que havia aprendido com a mãe lá na Ilha do Surubim, que por sua vez, havia aprendido com o pai que era índio. Chegou à cidade aos dez anos de idade para o enterro do primo, veio remando com a família no tempo em que Coari ainda era um grande jauarizal. Os nordestinos, segundo D. Maria vinham tirar castanha no terreno do seu avô, na época só existia a rua da frente (15 de novembro) o resto era tudo mato, as casas eram de taipa

e existia uma fábrica de tijolo manual, o lugar era farto de peixe, madeira, sobretudo, o pau rosa, cujo óleo era extraído. Apesar de não ser “parteira de carta”, D. Maria aparou cinquenta e quatro filhos durante a sua vida e nunca se recusou a exercer o ofício, quer fosse de dia ou de noite. Com sua sabedoria nos ensinou um banho para não ficar “panema”: manjeriço, catinga-de-mulata, açúcar, café, sal e vindicá.

(...) Segundo o Sr. Otaviano, 1935 foi o ano que o primeiro barco a motor entrou em Coari e em 1964 houve uma matança de grande quantidade de peixe-boi, aliás, toda a exuberância da cidade encontra-se na sua localização geográfica às margens de um lago de águas verdes e muito piscoso. (...) Para Seu Lucimar os dias das Festas de Santo era dia de alegria: S. João Batista, S. Pedro, S. Francisco, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Santana, que era a padroeira da cidade, cuja igreja foi construída em 1902, obra de engenharia portuguesa, segundo ele.

(...) Em 1933 começou o desmatamento, conforme nos contou Seu Enedino, na época da entrevista com 89 anos de idade, acreano, ficou órfão aos 12 e foi para Manaus onde passou sua juventude, lá, recebeu o convite de um amigo, dono de um seringal e foi morar em Coari. Montou farmácia e assim passou a atender toda a população. Na época não existia médico, o primeiro Posto Médico foi o da Fundação SESP. O chão era de terra batida, as casas eram de taipa, e a única forma de comunicação com Manaus era o telegrama.

(...) Já o Sr. Raimundo ou Alvelos como era conhecido, graças ao apelido dado pelo pai, porque nasceu na freguesia deste nome em 1921, era dentista e morava em um casarão colonial, cujas telhas vieram de Portugal e os tijolos de Belém, segundo ele. O comércio naquele tempo era melhor porque o dinheiro era mais estável. Ele nos contou que a cidade mudou de local porque a Freguesia de Alvelos era distante para as embarcações que vinham de Belém por causa da entrada no rio. O padre Samuel Fritz achou que esta bacia era mais próxima e a terra mais alta. Os trabalhadores portugueses e nordestinos foram abrindo caminho gradativamente para a construção da cidade. Quando menino, Seu Alvelos ouvia falar das “surras de couro de peixe-boi” que eram dadas nos trabalhadores rebeldes.

No Barco Kellog estávamos sempre ocupados com alguma atividade, mas seríamos capazes de passar o dia inteiro apreciando a paisagem do Solimões: os castanhais, os ribeirinhos e suas canoas, as casas coloridas do “beiradão”, os campos imensos de relva verde e a mudança de coloração das águas do rio quando estas se encontravam com as águas dos lagos, todo esse apelo visual nos hipnotizava sob o ritmo monótono do motor do barco em funcionamento. No Solimões com toda sua força; vimos bem de perto, o fenômeno das “terras caídas”, provocado pela violência da correnteza. Passávamos as manhãs inteiras no tombadilho do barco porque era o lugar mais aprazível para apreciar a paisagem quando a temperatura do dia ainda não estava muito elevada.

Quinta feira, 12. Deixamos Coari e após dezesseis horas de viagem chegamos à Tefé, neste intervalo lemos as impressões de viagem de Battes. Dos nove anos passados

no Brasil, quatro foram em Tefé, que naquele tempo chamava-se Vila de Ega, em sua permanência, o naturalista conseguiu catalogar mais de oito mil espécies da fauna e da flora, e formar coleções que hoje integram o acervo do Museu Britânico em Londres. Seu objetivo era coletar materiais que corroborassem com o darwinismo, do qual era partidário. Ancorados em um flutuante particular, cuja rampa dava acesso ao mercado, observamos que o movimento do porto era bem menor que o de Coari. Na frente da cidade podíamos avistar o prédio, que apesar de maltratado, era uma construção bonita. Segundo o Sr. Armando Retto, antigo prefeito, a obra era de sua autoria e se chamava *Ianecuemá*, que em língua geral quer dizer “bom dia” ou “nossa manhã”, porque outrora era o local onde os moradores se reuniam pela manhã.

Em termos arquitetônicos o que mais chamou atenção em Tefé foram três construções: o antigo seminário, cuja construção imponente em estilo londrino destoava completamente do conjunto de casas, como se fosse uma aparição implantada no local que ocupa à beira do rio, o prédio da prefeitura e o cemitério que possuía uma entrada ladeada por duas torres, vistas de longe davam a impressão de se tratar de uma igreja.

Visitamos o local onde o Pe. Samuel Fritz no século XVII havia fundado um aldeamento que mais tarde originaria a Vila de Ega, conhecido pela população com “Missão”, porque havia sido o núcleo da Ordem dos Jesuítas. De beleza extasiante, era um lugar alto que oferecia vista para todo o rio. Na parte mais baixa da ondulação havia um conjunto de casas simples que combinavam com o tom bucólico da paisagem. Na parte mais alta onde funcionava o seminário, havia no meio do pomar um grande sobrado do século passado. Maltratado pelo tempo, o complexo possuía ainda uma capela no mesmo estilo, um cemitério e nos tempos de funcionamento, segundo os moradores locais, uma oficina de mecânica, olaria e aulas da música. O material utilizado na construção havia sido todo fabricado lá mesmo.

As memórias dos moradores antigos que participaram da nossa Oficina na cidade de Tefé, convergiram para as “brincadeiras de rua”. Herança da presença nordestina na região eram os “cordões” que encenavam o bumba-meu-boi, pastorinhas, reis, ciranda, índios, cacetinho, cana-verde, tangará.

Dona Neném, 92 anos, organizava o cordão do corruipião. Assim como os outros cordões era itinerante, oportunidade dada aos brincantes de viajarem para várias localidades. Em junho, começava o boi. Calça branca, camisa vermelha e chapéu com espelhos, os brincantes iam de casa em casa perguntando quem aceitava o boi (com matação ou não), assim os brincantes se divertiam o mês inteiro e no final escolhiam um dia para a matança do boi. Tinha ainda os mascarados para curar e fazer ressuscitar o animal. A rivalidade dos bois ficava entre o “Vira-Mundo”, “Campina” e “Salioio”. Sr. Domingos Amorim, filho de pai maranhense, era o organizador da procissão de São Pedro e do Festival, que na época contava com mais de sessenta cordões: Imperial, Lanceiro e Paraguai, entre outros. Todas as brincadeiras eram feitas na rua, na frente das casas, as danças tinham acompanhamento

musical com tambor, saxofone e sanfona. Seu Domingos lembrou que em Alvarães havia um homem que colocou o “cordão do cão”, os ensaios eram feitos na mata, depois da brincadeira houve uma surpresa, morreu toda a família. Contou ainda que sempre morou na rua da igreja, seu pai era um “brabo”, “arigó”, apelidos dados aos soldados da borracha. O filho trabalhou também como seringueiro e na política, fez campanha para Álvaro Maia e candidatou-se a vereador em 1952.

(...) Antigamente a vida era mais farta, porque havia em abundância peixe, tartaruga e peixe-boi, às vezes não tinha espaço para pisar o chão do mercado devido à enorme quantidade de tartarugas, que iam direto para os “currais”, muito comuns nas casas dos mais abastados, como nos contou o Sr. Luiz que também era filho de nordestinos, empregado de um libanês que depois foi para a seringa e a castanha. Ele lembrou que a pescaria era feita com facilidade, na frente da cidade mesmo, de tarrafa, zagaia e poronga, a lamparina usada para “fachear”. A população, disse Seu Luiz, preservava mais a natureza, naquela época não havia ainda tanto lixo e urubu nas ruas e o gado se encarregava de aparar o capim.

(...) Dona Francisca Costa e Silva, enfermeira, filha de pais do Juruá, lembra que a irmã morreu no seringal de febre. O marido também trabalhava como extrativista, não circulava dinheiro na cidade, as compras domésticas eram trocadas pelos produtos extraídos. Seu pai contava que os patrões da seringa batiam nos empregados e os jogavam no “cacimbão” como castigo. Outra lembrança unânime é a presença marcante da igreja católica na história da cidade. A primeira, foi a do Bom Jesus dos Navegantes, construída por causa de uma promessa feita por um comerciante que escapou de um naufrágio.

Monsenhor Barrat ergueu a Catedral de Santa Teresa, padroeira da cidade, o arraial na época de seus festejos durava quinze dias. O seminário era muito atuante na vida educacional de Tefé, nas “Missões”, havia aula de marcenaria, olaria, mecânica, serralha, cultivo de hortas, além da educação musical oferecida pelos padres. As primeiras escolas da região foram fundadas pelas congregações que lá passaram. Em 1933 houve um desentendimento entre a Colômbia e o Peru, e o Tratado de Paz foi assinado em Tefé, como lembrou Dona Francisca, aportaram na cidade oitocentos marinheiros que vieram dos dois países.

Segunda-feira, dia 16, nossa estada encerrou-se com uma performance artística dos nossos companheiros de expedição, Jorge Bandeira, vestido à caráter, leu alguns trechos do livro de Battes no salão paroquial da igreja, sob o som da flauta transversal de Alfredo. Às três e meia da manhã, madrugada estrelada, saímos de Tefé e após rápida parada em Uarini, uma pequena vila dentro de um lago de águas pretas, passamos um dia muito agradável. Em Fonte Boa, fomos visitados na noite anterior por uma nuvem formada por milhares de insetos, que além de devorarem a roupa que estava secando no varal do tombadilho, formaram depois de mortos, um tapete negro que cobriu todo o chão do barco e da cidade, prenúncio de muita chuva, segundo o que se ouvia.

A vila era um lugar que, apesar de possuir muitas casas, parecia algumas vezes,

ermo, as ruas eram compridas, algumas de terra batida e outras de concreto. Paramos em uma mercearia para tomar um guaraná e ficamos observando a expressão de desconfiança no rosto dos moradores, com exceção da dona do estabelecimento. O agastamento, talvez fosse, em função das condições geográficas do lugar, apesar de ainda não ser região de fronteira, já é zona de passagem de garimpeiros, comerciantes, traficantes, prostitutas e outros aventureiros. Após uma experiência mambembe frustrada na porta do comércio, resolvemos que era hora de se despedir das período curto que passamos em Fonte Boa.

Estudando e discutindo a literatura do Solimões, passamos o resto da tarde embarcados, todos reunidos na sala de refeições/reuniões com direito a uma pausa para o café com biscoitos que a tripulação cuidava para não faltar. Era uma sala ampla com uma mesa ao centro, nas laterais havia pia, bebedouro, um grande armário de madeira que acomodava a louça. Nosso ponto de encontro e lugar de atualização dos nossos Diários de Viagem, cada um tinha o seu. Outro espaço de convivência ficava entre os camarotes e a popa do barco, que também era disputada, ou pelo visual ou pela sombra que se formava em determinadas horas do dia. Lá, ficavam dois banheiros e duas pias externas onde lavávamos nossas roupas de mão e dávamos bom dia ao sol, quando íamos escovar os dentes.

As tardes eram muito quentes, sobretudo, as últimas, antes de alcançarmos o Alto Solimões. O sol causticante, atípico para esta época do ano, assim como os insetos que vinham nos visitar todas as noites, também anunciavam os rigores do inverno. Nestas tardes de calor, nos concentrávamos nas partes mais frescas do barco, ora de um lado do corredor lateral que dava acesso aos camarotes, ora do outro. Apreciávamos a paisagem do Solimões, ladeado ou por passagens estreitas formadas pela floresta densa, ou por ilhas quilométricas que se estendiam no meio do curso do rio. A confluência do rio Solimões com o Jutáí forma um belíssimo Encontro das Águas, espetáculo que deixou boas recordações desta cidade com o mesmo nome. Como observou o Jobber, em Jutáí vê-se harmonia do urbano com a floresta, pois a maioria das casas possuía um amplo quintal - muitos com árvores nativas- e as casas eram feitas de madeira de lei, como a sucupira e a macacaúba, havia também uma preocupação estética com o acabamento das construções.

Limpa e com as ruas calçadas a cidade não possuía asfalto. Depois de andarmos bastante, nos encontramos na praça central da cidade, local de árvores e sombras generosas. Aproveitamos para fotografar as crianças que olhavam curiosas para o equipamento. Após o almoço a equipe se dividiu, uma parte foi de “voadeira”, visitar uma localidade onde havia sido o núcleo original de Jutáí e uma comunidade indígena. Nosso grupo fez algumas entrevistas com as pessoas idosas da cidade:

(...) Dona Zenir Tuchaua de 79 anos, contou-nos da fartura do lugar, uma tartaruga era trocada por um tubo de linha. Devido à grande quantidade de quelônios era preciso fazer a “viração” para não fugirem. De família nordestina, Dona Zenir não casou e nem teve filhos, era agricultora e ajudava

na produção de farinha. Antigamente, no tempo em que a cidade era uma roça enorme, não havia política, todo mundo que chegava tomava conta de um terreno do tamanho que quisesse. Os índios falavam outra língua e quando tinha garimpeiro na cidade havia dinheiro, mas havia muita desordem.

(...) Com 78 anos, o Sr. Chico Roque lembrou o tempo da borracha, tempo ruim, segundo ele era uma vida sacrificada por causa dos patrões, quem chegava com uma mulher bonita os patrões tomavam. Pegava tracajá de trinta quilos, de um "tabuleiro" chegou a tirar quinhentas tartarugas. Quando chegou a Jutai em 1918 a cidade era apenas uma capoeira. Uma vez, passou vinte e quatro dias perdido na mata, no rio Juruá, lá, viu várias cobras da grossura de um tambor. Viu uma, que chegou a comer sete índios, só a língua tinha um metro, era preta e de escamas, quando o sol esquentava ficava toda arrepiada, está escondida em uma ilha abaixo de São Paulo de Olivença.

Logo acima da cidade de Jutai iríamos entrar na área navegável das terras demarcadas da etnia Ticuna, a partir daí geograficamente começa a região do Alto Solimões, como indicava o fuso horário que foi atrasado em uma hora em relação ao horário de Manaus e duas horas em relação à Brasília. Quanto mais rumávamos para o oeste, mais o sol demorava a se pôr. Recentemente demarcada, a reserva indígena dos *Ticuna*, gerou a antipatia de grande parte da população da região.

Antes da nossa passagem pelas aldeias, uma parte das comemorações do nosso carnaval foi na cidade de Tonantins. Chegamos dia 20 de fevereiro, a cidade do barranco alto, exigia que o acesso ao porto fosse feito por uma escada com quase cem degraus. Geraldo foi à rádio local divulgar o projeto e quando retornou ao barco disse que havíamos sido convidados a visitar São Francisco, o núcleo inicial da vila.

Banhado pelo rio Tonantins e cercado por um lago de águas escuras, São Francisco era, de fato, especial. Observamos as casas humildes, com crianças, cachorros e galinhas circulando em volta dos seus batentes; Otoni chamou atenção para os inúmeros vestígios de cerâmica antiga que ajudavam a emoldurar a comunidade. Nosso fotógrafo expedicionário era dos mais animados, assim que aportávamos em qualquer que fosse a terra firme, era o primeiro a pular do barco, além do registro visual, Otoni revelou-se um etnógrafo nato, pois sempre voltava das suas andanças com uma novidade. Nesta noite, a sobremesa foi um fruto nativo chamado cupuí que ele se encarregou de comprar.

(...) Dona Elvira Pennafort, professora, filha de pai maranhense e mãe peruana, nos falou um pouco sobre o passado da cidade. O lugar se chamava Vila Nova de Tonantins e se originou de uma roça feita dentro de um castanhal por um brasileiro e um colombiano. A população, segundo ela, vivia da caça, pesca e agricultura, quanto aos imigrantes, estes chegaram atraídos pela borracha. Quando não havia luz elétrica dava para ouvir o assobio da Matinta Pereira na mata.

(...) Natural de Urutuba, uma comunidade no Solimões, o S.r Ludugero de Carvalho foi morar em Tonantins porque queria que os filhos fossem para a

escola. Conta que a cidade principal era em São Francisco, aqui era apenas um porto de lenha. Lembra ainda que havia um comércio de penas da garça maguari que eram vendidas para a França.

(...) O Sr. Manoel da Costa nos contou que os regatões que passavam eram todos colombianos e peruanos, para curar a malária só com remédios caseiros. Contou também que por lá passou um botânico inglês fazendo pesquisas; a diversão antigamente era nas casas das pessoas e os festejos de santo.

Com uma conferência proferida pelo Prof. Auxiliomar Ugarte sobre a importância da memória enquanto instrumento de resgate do passado histórico e sobre a ideia central da Expedição Ara Watasara, encerramos nossa estada em Tonantins. Ao final, o professor foi calorosamente aplaudido pelos que lotaram o centro social da igreja, lá soubemos que na cidade já havia uma tentativa de recuperar o passado do lugar, iniciativa tomada por alguns professores.

Prosseguimos viagem e paramos na cidade de Santo Antônio do Içá, era sábado de carnaval, após o café saímos, descobrimos a casa de um atravessador de artesanato indígena, foi uma manhã de aquisições: Geraldo comprou belíssimas estatuetas de madeira feitas pelos *Ticuna*, que, aliás, são excelentes escultores, Otoni adquiriu uma máscara do ritual da moça-nova e Jobber me presenteou com uma bolsa de tucum e um colar de dentes de macaco. Quando Kelerson, que foi o último a chegar, subiu no barco, foi aplaudido calorosamente por todos os expedicionários que estavam ansiosos pela partida.

Ainda antes do almoço, rumamos a caminho da cidade de Amaturá, o tempo mudou e o calor foi substituído por nuvens carregadas que trouxeram chuva para o resto da tarde. No decorrer do percurso observei que o Kellog estava forçando mais a sua máquina, lutando para vencer as correntes do Solimões, a água parecia mais densa e barrenta.

Amaturá fica situada na foz do rio que empresta o mesmo nome à cidade e o seu encontro com o Solimões forma belo espetáculo. A cidade, como as demais, fica localizada em um terreno mais elevado acima do nível do rio, o acesso se dava por meio de uma longa escadaria. Localizada na “rua da frente”, a catedral de São Cristóvão, que enfeitava a paisagem, foi eleita como uma das mais bonitas, de todas as cidades visitadas, na parte frontal havia um painel de azulejos, na parte interna o teto da nave central era todo revestido de madeira de lei trabalhada.

Partimos às seis da manhã, em função da chuva persistente que caía; passamos a manhã navegando sob um céu cor de chumbo, porém, tranquilos com o Sr. Francisco no leme, tarefa que exercia há trinta e cinco anos. São Paulo de Olivença foi nossa última parada antes do destino final, preferi não descer imediatamente do barco como fizeram alguns; ainda caía uma chuva fina e o porto indicava que o local repleto de lixo, não era nada agradável. Na frente da cidade havia um aglomerado de palafitas, cujos fundos ficavam de frente para o rio, cabe deixar aqui registrado que essa sequência de imagens perversas se entende por toda a calha dos rios amazônicos. As igrejas nessas localidades

eram, de fato, as edificações mais bonitas, São Paulo de Olivença não fugia à regra, além da paisagem natural o que havia de mais agradável ao nosso olhar ocidentalizado, era a catedral e mais algumas construções da prelazia que ficavam naquelas imediações.

Encontrando o Povo Ticuna.

23 de fevereiro foi o dia de nossa passagem pela comunidade *Ticuna* de “Santa Rita”, situada na margem esquerda do Solimões, cuja fama se deu em função da morte misteriosa do etnólogo alemão, Curt Nimuendaju. O local em nada lembrava uma comunidade indígena, mal o barco aportou, fomos abordados por um colombiano, suposto traficante de animais, que nos ofereceu um macaco de cheiro para vender, preso em uma coleira. Geraldo enfrentou a chuva e foi o primeiro a descer para falar com o “capitão”, aos poucos, desceu o resto do grupo. No barco, eu e a tripulação ficamos observando tudo do tombadilho.

Após mais duas horas de viagem chegamos a “Vendaval”, outra comunidade *Ticuna*, situada às margens de um igarapé de águas pretas, próximo à “São Jerônimo”, local considerado sagrado para este povo. Segundo o mito cosmogônico, foi no Évare, um afluente do São Jerônimo, que os ancestrais dos primeiros homens foram pescados por determinação do herói cultural *Y’oi*, eram peixes alimentados com as cinzas de *Ipi*, seu irmão gêmeo, e ao baterem na terra se transformaram em gente, daí serem designados de *Magüta*, povo pescado com vara. Geraldo e os que se aventuraram a descer do barco ficaram na entrada da comunidade conversando com os poucos falantes de português. Logo depois iniciou uma sessão de compras do artesanato, compramos redes, bolsas, colares, estatuetas de madeira, remos e pacarás, quem não tinha mais dinheiro, utilizava roupas como moeda de troca.

Terça-feira de carnaval. Aportamos no município de Benjamim Constant às quatro horas da tarde. A chegada por via fluvial não suscitou nenhuma vontade de descer do barco, a primeira impressão não foi boa, pelo descuido, do flutuante onde o Kellog ficou ancorado podíamos ver a bandeira do Peru, moldura da fronteira tríplice. Quando saímos do porto para a primeira caminhada de reconhecimento, na avenida principal encontramos, o museu indígena criado e administrado pelos *Ticuna*, o Museu *Magüta*. O ambiente que mais me impressionou foi a sala dedicada às máscaras rituais da Festa da Moça Nova, que comemora o ritual de passagem das meninas para a idade adulta, marcada pela primeira menstruação. As máscaras rituais são vestimentas confeccionadas com a entrecasca de uma árvore, complementadas com carapuças que representam animais e são pintadas com resinas naturais retiradas da floresta.

No fim do dia, recebemos a visita da Sra. Dolores, diretora do Campus Universitário de Benjamim Constant, acertamos uma visita à Atalaia do Norte, cidade que faz fronteira com o Peru, para o dia seguinte. O restante da noite foi muito agradável, após o jantar servido pelo Sr. Edson, profundo conhecedor da culinária amazônica, assistimos outra palestra ministrada pelo Prof. Auxiliomar Ugarte, sobre “*Os padrões de assentamento*

demográfico no primeiro milênio a. C.” Quarta-feira, 24 de fevereiro. Partimos com o Kelllog rumo a Atalaia do Norte e navegamos pelo rio Javari, tão impetuoso como o Solimões, suas torrentes, por onde passam, saem arrastando tudo o que estiver detendo o seu curso. No retorno a Benjamim Constant, visitamos as dependências do Campus, em meio à horta e ao pomar, ouvimos a Sra. Dolores, formada em Enfermagem, falar com entusiasmo e propriedade sobre o trabalho desenvolvido junto à comunidade com as plantas medicinais.

Final de percurso, o cansaço começava a tomar conta de todos. Os vinte dias que passamos embarcados serviram para alimentar a ideia de começarmos a “baixar” em direção à Manaus. O último dia no alto Solimões foi marcado pelas compras e pelo sotaque colombiano das ruas da cidade de Letícia, uma das cidades amazônicas da Colômbia. Na nossa saída caiu um temporal que desde cedo se anunciava, a chuva persistiu durante toda a noite. No ritmo, não necessariamente linear da memória tecida por idas e vindas, relembro a visita às cidades do Alto rio Solimões: São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, nesta última cidade nossa parada foi maior. Entrevistamos alguns moradores antigos e aproveitamos para conhecer São Francisco, antiga sede que deu origem à cidade.

(...) Dona Maria Dias, cearense de 91 anos, nos conta que morava com o marido em São Francisco, naquela época havia poucas casas porque a cidade era um porto de lenha. A diversão era ir à missa e ouvir estórias, a igreja antiga o barranco levou, o que fez com que todos os moradores, que eram poucos, se empenhassem na construção da nova, sob a supervisão dos padres. Havia também os índios Caixana que faziam roça e louça de barro, nestes tempos dava até para ouvir o mapinguari que passava gritando no meio da plantação. Seu marido, Sr. Francisco Dias, lembrou-se de dois fatos marcantes, o avô que era também nordestino foi para a guerra do Paraguai, segundo lhe contaram, lembrou também de uma grande seca que matou muita gente. Nesta época, só havia oito casas na vila nova e dezoito em São Francisco, e elas eram todas de taipa, as telhas eram encomendadas. Esses tempos eram tempos dos “patrões da borracha”, que eram turcos e judeus, conforme lembrou o Sr. Gildionor Martins, outro cearense de 81 anos. Conta que todos trabalhavam na roça, extraíam borracha, sorva e timbó, naquele tempo havia fartura de tartaruga e pirarucu. Ele estudou na escola da missão americana e lembra, com saudades, do tempo que os padres faziam muitas coisas.

Quando chegou o Batalhão de Pernambuco a cidade melhorou bastante, tempos do conflito entre Peru e Colômbia. O porto de lenha foi feito por um português chamado Alexandre dos Santos, assim como ele vieram para cá outras pessoas ricas, que ajudaram a melhorar a vila. O Sr. Lúcio Coelho, lembra que quando os brancos chegaram os índios se afastaram, os Caixana vestiam uma túnica comprida. Seu bisavô, que era português e possuía muito ouro, casou com uma índia Caixana.

Havia também muitas festas de Santo: São Sebastião, São Francisco, Santíssima Trindade, nestas ocasiões todo mundo contribuía com as coisas

para ajudar a igreja. Já a “cruzada” entrou em Tonantins antes do Zé da Cruz falecer, foi lá que ele pegou o pessoal para trabalhar. Seu Lúcio que era pescador e extrator de madeira terminou sua entrevista contando que acredita em mapinguari e curupira, e que em São Francisco existe uma cobra-grande que vai brocar a terra para varar lá no Solimões. Adalcina Rodrigues Costa, a Dona Dadá, 86 anos nasceu em Alvarães em 1911, foi para Tonantins porque o marido era de lá. Nesta época contou que havia muitos índios Ticuna e ela ouvia o batuque da Festa da Moça Nova.

São Francisco ficava num braço de rio de águas pretas, convidativas para um mergulho, logo providenciado pelo comandante Gabriel que amarrou o barco no tronco de uma árvore no meio do lago. Lá pernoitamos e assistimos a um pôr-do-sol especial acompanhado do sorriso da lua nova, atracados bem em frente da praça da igreja. Após o jantar fomos apreciar sua singeleza e conversar, as crianças que brincavam transformaram nossa presença em um evento. Jober e Lúcia contaram histórias, Jorge apresentou seus mamulengos e Alfredo tocou flauta.

Dia 02 de março, acordei com o badalar dos sinos da igreja de São Francisco, por problemas técnicos no barco, às cinco da tarde retomamos a viagem. Após o jantar fui para o camarote passar minhas roupas, de repente, o valente Kellog começou a chacoalhar. Gabriel, o chefe da tripulação nos disse que estávamos sobre um enorme banco de areia, bem no meio do Solimões. A ideia de encalhamos no meio do rio, sujeitos a uma tempestade não foi nada agradável a ninguém, Otoni com seu senso de humor sugeriu que comêssemos pipoca, pois havia uma bacia cheia em cima da mesa. Depois de passado o susto, demos boas risadas e só conseguimos dormir quando o Seu Francisco atracou em uma ilha para passarmos o resto da noite. Às quatro horas da manhã o Kellog assumiu posição de descida, com o Solimões coberto de tons de cinza e amarelo reflexo das nuvens carregadas.

Toda a movimentação no barco denunciava certa ansiedade gerada pela expectativa do retorno, as conversas eram relativas à retomada das atividades em Manaus e timidamente começou o ritual da troca de endereços e telefones. No final da tarde enfrentamos um temporal, agora os dias apresentavam-se com uma tonalidade mais cinzenta como manda o inverno. Alguns meninos foram para o andar de cima do barco tomar banho de chuva, pois o calor que sempre a antecedia era insuportável.

Uma garoa intermitente substituiu a chuva, havíamos passado o dia inteiro viajando e às 9 da noite paramos em Alvarães, pequena cidade situada um pouco acima do rio Tefé. Novamente o Kellog atracou em frente da linda igreja de São Joaquim, o padroeiro da cidade. Era um prédio pequeno nas cores salmão, branco e bege com uma estrela de Davi em cima da cruz na sua fachada, ladeada por uma rua cheia de mangueiras. Após a chuva as ruas da cidade estavam todas lavadas, parecia que era para nos receber. Descemos todos, e fizemos um belo passeio a pé. Não havia asfalto, as ruas eram de calçamento, muito limpas e arrumadas e com algumas casas antigas em bom estado de preservação.

No dia seguinte, continuando a caminhada alcançamos a estradinha que é o caminho até Nogueira, outra vila que fica em frente à Tefé e que segundo Dona Dadá, de Tonantins, seria o local aproximado do surgimento da Cobra Norato, personagem da mitologia amazônica, conforme nos foi contada a história.

Norato nasceu em Nogueira, de frente para Tefé. Era filho de Dona Teresa que quando sentiu as dores do parto mandou chamar a parteira e deu à luz a duas cobras: Norato e Maria, que ao nascerem fugiram. Anos depois, Norato deixou sua casca e foi bater na casa da mãe para se apresentar a ela. Norato era bom e Maria maldosa, afundava os barcos pequenos que passavam pelo canal. Norato era caridoso, ajudava as pessoas e vinha toda sexta-feira falar com a mãe. Um dia, cansado daquela vida, pediu que a mãe atirasse dentro da sua boca, para acabar com o encantamento. Quando deu meio-dia a mãe não teve coragem de ir ao seu encontro lá na praia. Ela pediu a um vizinho que foi soldado, o homem disse que antes precisava beber uma garrafa de cachaça para criar coragem. No dia marcado, o soldado atirou, mas o chumbo do cartucho bateu no olho de Norato, ele ficou cego, transformou-se em um homem muito rico e foi embora para o Rio de Janeiro.

Quando retornamos a Alvarães já estava quase na hora da partida. Aproveitamos a escadaria não muito íngreme e estreita como das outras cidades, para fazermos a foto oficial da expedição, todos vestiram a camiseta do projeto, Geraldo chamou um rapaz que passava no local para clicar o momento na máquina arrumada pelo Otoni. 11 horas da manhã, hora de partir para Tefé e abastecer o barco para prosseguir viagem, na confluência dos rios, assistimos a uma cena que para nós é rara, mais de trinta pescadores em suas canoas, estavam armando uma enorme malhadeira, corremos todos para fotografar. Após um temporal que caiu quando ainda estávamos no Lago, partimos às 6 da tarde e assistimos ao pôr-do-sol mais colorido de toda a viagem.

O céu ainda estava carregado, mas o sol na hora de se despedida apareceu e pintou a paisagem com uma grande variedade de cores. As nuvens se tingiram de várias tonalidades de azul, compareceram também o amarelo, lilás, rosa e vermelho. Os últimos raios do sol batiam somente nas copas das árvores que assumiram um tom de verde musgo. Contemplamos aquela grande avenida aquática que ficou totalmente alaranjada e estava bastante agitada. Segundo, Sr. Araújo, da tripulação, o Solimões estava mais turbulento porque agora corria numa velocidade maior. O certo é que, pelo que se vinha observando, ele, a cada dia que passava aumentava mais o seu volume de água.

Passados dez anos da Expedição Ara Watasara, encerro a consulta ao meu Diário de Viagem, com este cartão postal do pôr-do-sol multi-colorido em pleno rio Solimões e relato minhas impressões não pelo que a viagem foi de fato, mas a partir do que a memória me permitiu lembrar e também esquecer. Cartofilia da Amazônia, dentre as inúmeras existentes. Construída aqui com a ajuda dos nossos apontamentos de campo, exhibe o que foi visto e a lembrança de quem a viveu. Localidades que se duplicam, cidades com suas casas coloridas e seus arranjos de flores pendurados em latas de conserva. Água, água, água,

muita água, ora revoltas, ora calmas, das mais variadas cores. Sua gente nas margens dos barrancos, nos umbrais das moradias, vendo o rio correr. Passatempo, coleção de imagens destacadas da paisagem, inventários que atravessam o tempo e se transformam em catálogos científicos, assim como procederam os viajantes e aventureiros que percorreram estas estradas aquáticas. Passamos pelas localidades da calha do Solimões e capturamos estas impressões de viagem. Oferecemos a leitura de um panorama, ainda inacessível a muitos, desmistificamos a geografia do exótico e descobrimos nesta experiência de viagem algumas pistas para saber o que é de fato a Amazônia.

REFERÊNCIAS

Dossiê do Projeto Ara Watasara - Rio Solimões. Manaus: 1997.

FERREIRA, Lúcia; GONÇALVES, Síval; MESQUITA, Otoni. Solimões – imagens e memórias de uma viagem. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

PINTO, Marilina. Diário de Viagem e Caderno de Campo. Manaus: acervo pessoal da pesquisadora, 1997.

PINTO, João Alberto. Ara Watasarilho: diário de bordo de um leigo numa expedição científica na calha do Rio Solimões. Manaus: acervo pessoal do pesquisador, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adequação 13, 41, 102, 104, 105, 108, 109, 111

Alienação 10, 11, 110, 123

Anteprojeto do Novo Código Penal 167, 174, 175

B

Bem Viver 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101

Bioética 181, 182, 191, 193, 194

C

Cartografia 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 38

Ciência 4, 19, 24, 26, 27, 59, 60, 61, 72, 79, 97, 102, 103, 104, 110, 113, 133, 140, 155, 182, 213, 214, 217, 223, 225

Consumo 100, 103, 111, 117, 118, 119, 120, 123, 125, 126, 171, 191, 248

Contemporaneidade 42, 117, 118, 126, 204

Crimes Econômicos 167, 168, 177, 180

Crise 6, 102, 103, 104, 105, 111, 114, 117, 118, 119, 124, 125, 126, 135

Cultura 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 39, 41, 43, 45, 49, 52, 53, 54, 57, 79, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 134, 135, 136, 139, 144, 150, 157, 195, 196, 212, 213, 221, 226, 228, 231, 232, 248

D

Desenvolvimento Emocional 226, 227, 231, 233

Desenvolvimento Humano 8, 10, 11, 12, 15, 128, 129, 136, 226, 227, 228

Didática da História 67

Direito 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 12, 41, 48, 55, 58, 63, 84, 128, 129, 139, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 212, 218, 223, 224, 225

Direito Digital 155

Discurso Jurídico 141, 142, 143, 144, 145

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 26, 27, 28, 32, 33, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 118, 124, 128, 129, 133, 134, 135, 141, 150, 193, 210, 223, 245, 247

Espeleoterapia 202

Espeleoturismo 202, 209

Estados-Nacionais 102, 103, 105, 108, 111, 113, 114

Estágio 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 93, 126

Estética 19, 21, 23, 42, 79, 84, 117, 119, 120, 126

Ethos 126, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 224

Ética 52, 56, 68, 94, 97, 99, 126, 155, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 184, 186, 191, 192, 193, 194, 217

Evolução 72, 106, 107, 155, 156, 157, 158, 160, 163, 164, 168, 228

F

Fontes Imagéticas 17, 18, 20

Formação Docente 41, 44, 45, 47, 48, 53, 54, 69, 70, 77, 78

G

Genocídio 195, 197, 198, 199

I

Inteligência Artificial 110, 155, 156, 158, 161, 162, 163, 164

Interdisciplinaridade 39, 44, 45, 46, 47, 53, 54, 128, 137

L

Legalidade 169, 174, 211, 217, 218, 222

Linguagem 9, 11, 12, 13, 14, 16, 25, 29, 30, 31, 33, 34, 37, 47, 48, 55, 58, 101, 120, 121, 123, 125, 139, 141, 142, 143, 144, 154, 186, 188, 228, 232, 233

M

Marxismo 8, 11, 64, 139

Memórias 80, 82, 91, 135, 137, 163, 195, 215

N

Natureza 5, 6, 9, 11, 12, 21, 27, 28, 32, 42, 44, 45, 49, 64, 71, 72, 73, 79, 83, 93, 94, 95, 98, 100, 103, 105, 109, 110, 113, 121, 122, 131, 133, 144, 150, 151, 158, 162, 163, 173, 209, 212, 215, 216, 220

Normatização 55

P

Pesquisa 3, 6, 8, 10, 17, 26, 34, 36, 37, 46, 54, 55, 56, 64, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 179, 183, 202, 205, 210, 213, 222

Práticas Sociais 132, 134, 141, 143, 144, 145, 217

Privacidade 155, 156, 158, 159, 160, 161, 165, 239

Produção de valor 102, 104, 106, 115

Produção e recepção 55

R

Relações de Poder 55, 60, 108, 142

Religião 124, 187, 202, 204, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 220, 222

Representações 24, 30, 99, 131, 210, 214, 215, 231

Responsabilidade Civil Médica 181, 190

Responsabilidade Penal Da Pessoa Jurídica 167, 168, 171, 173, 174, 175, 176, 178, 180

Retórica 146, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 195, 201

Ritos fúnebres 211, 213, 220

S

Sistema Financeiro 102, 103, 105, 108, 109, 113, 114, 175

Subjetividade 17, 21, 22, 23, 112, 117, 120, 123

T

Tecnologias 38, 39, 40, 47, 48, 49, 53, 54, 157, 160, 162, 164, 168, 248

Teoria Histórico-Cultural 8, 16

Trocas Afetivas 226, 228, 230, 231, 233

Turismo de saúde 202, 209

V

Viagem 79, 80, 81, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 118, 197, 199, 200

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 